

IV Domingo da Quaresma (15/03/2026)

O brilho do limite

A nossa cultura contemporânea encontra-se profundamente marcada por uma dupla herança. Por um lado, pela redução do alcance do conhecimento, tal como formulada por Immanuel Kant, segundo a qual o entendimento humano permanece circunscrito ao domínio do fenómeno, sendo a coisa em si (o noumeno) irremediavelmente inacessível à experiência e ao conhecimento objetivo. Por outro lado, pela radicalização da questão dos limites da linguagem levada a cabo por Ludwig Wittgenstein, cuja formulação clássica – «sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se guardar silêncio» – estabelece uma fronteira estrutural entre o dizível e o indizível.

Nesta perspetiva, configura-se aquilo que Eugenio Trías descreveu como uma linha de fronteira que delimita o campo do aparecer e da manifestação. Essa linha não pode ser legitimamente ultrapassada pelo discurso racional ou pela linguagem dotada de sentido. Para além dela, não apenas ignoramos o que possa existir, como também carecemos de qualquer garantia de que algo efetivamente exista.

Consequentemente, a cultura moderna não se caracteriza propriamente por um ateísmo estrito, mas antes por uma atitude estruturalmente agnóstica: não se nega a possibilidade do mistério, mas admite-se simultaneamente a impossibilidade de o tematizar de modo legítimo no interior da razão e da linguagem. O mistério permanece, assim, para além do horizonte da finitude humana, situado fora dos limites dentro dos quais o pensamento e a palavra podem exercer validade. Nesse sentido, pode afirmar-se que a modernidade se torna, em grande medida, cega ao invisível e à dimensão transcendente da existência. Não se nega a luz, mas também não se deixa guiar nem iluminar por ela. O calor da luz do mistério continua a brilhar, mas não toca o coração dos habitantes do limite.

Segundo a reflexão de Eugenio Trías, a linha que, na cultura moderna, parece aprisionar o pensamento humano ao domínio do aparecer não deve ser compreendida apenas como um limite negativo ou meramente restritivo. Essa linha pode igualmente ser interpretada como fronteira: um lugar limítrofe que, ao mesmo tempo que delimita o campo do fenómeno, se abre à possibilidade do mistério.

A fronteira, neste sentido, não é simplesmente uma barreira que encerra o sujeito humano no interior do mundo do fenómeno; é também o espaço onde o mistério pode manifestar-se de modo liminar. O mistério não se deixa capturar pelo conhecimento objetivo nem pela linguagem conceptual, mas pode insinuar-se precisamente nessa zona limítrofe em que o visível toca o invisível. O invisível, por sua própria natureza, nunca se deixa capturar ou fixar pelo discurso humano, mas pode ser sugerido ou insinuado.

Por isso, muitas vezes, a linguagem simbólica – como a do poema – pode apontar para o mistério de modo mais adequado do que um tratado sistemático.

Fernando Pessoa afirma que o poeta é um fingidor; ou, por outras palavras, que os poetas «mentem» muito, no sentido de que, através da literalidade do texto, apontam para outras dimensões de sentido. Em termos teológicos, isto conduz à consciência de que a teologia deve possuir uma dimensão essencialmente apofática: isto é, reconhecer que, diante do mistério último, o discurso humano é sempre insuficiente e que aquilo que diz permanece sempre aquém daquilo que procura significar.

Somente quando o mistério se deixa entrever nessa linha de fronteira — quando, por assim dizer, se faz luz no limite — é que os habitantes do limite, isto é, os seres humanos situados na finitude do conhecimento e da linguagem, podem abrir o seu olhar a horizontes que ultrapassam o domínio estrito do aparecer. Por si mesmos, permanecem inevitavelmente circunscritos às condições da finitude cognoscitiva e linguística; contudo, quando iluminados por essa manifestação do mistério, tornam-se capazes de entrever uma dimensão que excede o campo do puramente visível.

A esta manifestação do mistério e ao seu acolhimento no interior da subjetividade humana a tradição cristã chama **fé**. A **fé** pode assim ser compreendida como uma forma de iluminação que não anula os limites da razão e da linguagem, mas os transfigura, permitindo ao ser humano pressentir, para além do visível, a presença e a manifestação do invisível. Nesse sentido, a **fé** constitui uma luz que amplia o horizonte da experiência humana, tornando possível vislumbrar aquilo que, por si mesmo, permaneceria para sempre para além dos limites do aparecer. A fé concede-nos uma nova visão, que nos permite ver para lá dos confins do aparecer.

É espantoso descobrir que essa luz não é apenas uma claridade distante nem uma realidade anónima, mas uma pessoa, com rosto e nome, que entrou na nossa história: Jesus Cristo. Ele é **Luz da Luz**, que se inclinou sobre o cego de nascença — imagem de todos nós — e abriu os seus olhos para a claridade do sol do meio-dia. Desde então compreendemos, como testemunha o evangelista João: **é na luz de Cristo que vemos a luz**. Quem se deixa guiar por esta luz começa a entrever, contemplar e vislumbrar algo do mistério. A cura da cegueira conduziu aquele homem à fé. «**Eu creio, Senhor**», declarou ele. Quem é libertado da cegueira espiritual torna-se capaz de reconhecer em Cristo a presença de Deus que se revela e se oferece a nós.

Hoje, Cristo continua a aproximar-se de nós para curar as nossas cegueiras e abrir o nosso olhar ao mistério da luz. Necessário é abrir o íntimo do nosso ser à claridade divina e caminhar até onde as ondas dessa luz nos conduzirem.

Ámen.

P. Emanuel Brandão